

A FRONTEIRA EM FESTA: PERFORMANCE, CULTURA E IDENTIDADE ENTRE BRASIL E URUGUAI

Luciana Hartmann(UFSM)

GT:Estudos da Performance

Palavras-chave:Festa, performance cultural, fronteira

Neste trabalho, abordo duas festas de uma região de fronteira – um Desfile do Dia do Gaúcho, realizado em Uruguai/Brasil, e as *Criollas*, ocorridas em Cerro Pelado/Uruguai – enquanto “performances culturais”¹ que expressam, através de múltiplas linguagens, o imaginário que a população tem a respeito de si própria, ou seja, como sua identidade é manifesta *in* performance. Para tanto, apóio-me na idéia do antropólogo David Guss (2000), de que é no estado festivo, potencialmente, que as identidades são imaginadas e criadas. Minha proposta, portanto, é analisar, através de dados etnográficos, de que forma as festas expressam essa “identidade de fronteira”: quais são os elementos escolhidos para representá-la, como estes elementos são organizados e que significados emergem dessas performances.

Utilizo o termo “festa” em sentido amplo, como “formas festivas” (*festive forms*) que podem incluir uma variedade de eventos públicos como carnaval, paradas, concertos, feiras, quermesses, funerais, festas de santos, procissões, competições esportivas, comemorações cívicas e demonstrações políticas e julgamentos (Guss, op. cit.: 173). Também não poderia deixar de citar o clássico trabalho de Roberto DaMatta (1980), “Carnavais, Paradas e Procissões”, onde este estabelece uma dicotomia entre os ritos orientados para toda a ordem nacional, que ajudam a construir e a cristalizar uma identidade nacional abrangente, e aquelas dramatizações programadas que, ao contrário, focalizam as identidades regionais ou locais. Em ambos os casos, o autor distingue um caráter “extra-ordinário”, encontrando uma divisão entre aqueles altamente ordenados, dominados pelo planejamento e pelo respeito, e aqueles dominados pela brincadeira, diversão e/ou licença (DaMatta, 1980: 38). Considerando que minha análise se detém não sobre “ritos nacionais”, mas sobre formas de comemoração locais, fica difícil afirmar, no entanto, que estas pertençam somente ao segmento da ordem e do respeito ou da diversão e da licença. Pelo contrário, a análise dos dados etnográficos leva a crer que nessas festas da fronteira as diversas características se combinam.

¹ De acordo com Singer (1972), “performances culturais” são formas de expressão artística e cultural que obedecem a uma programação prévia da comunidade, com uma seqüência determinada de atividades, local próprio para sua ocorrência, horário definido de início e fim, delimitação entre *performers* e público e, principalmente, são expressas através de meios comunicativos diversos, como narrativas, canto, dança, artes visuais, etc..

Partindo da idéia de que a identidade pode ser compreendida como **realidade performatizada** (Guss, 2000: 23), percebeu-se que uma parcela da identidade fronteiriça – a da identidade gaúcha/*gaucha* – está vinculada à “ruralidade” e que o Desfile do Dia do Gaúcho serve como um espaço/tempo de recuperação e mesmo recriação deste sentido do rural no meio urbano. Já uma festa como as *Criollas*, que ocorre a partir de impulsos identitários semelhantes, porém no meio rural, opera um movimento contrário, ou seja, além de reforçar práticas comuns entre os próprios habitantes da campanha, proporciona também o envolvimento da população urbana com estas práticas *in loco*.

O Dia do Gaúcho

A idéia de comemoração do dia 20 de setembro como Dia do Gaúcho foi aprovada como lei estadual em 1964, quando a “Chama Crioula” passou a ser recebida no Palácio Piratini, sede do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e o Desfile do dia 20 foi oficializado (Oliven, 1990: 35, 36). Tomando a Revolução Farroupilha como fato histórico privilegiado para exaltação da identidade do povo gaúcho, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) comemora o dia 20 de setembro, data de início da Revolução, com grandes desfiles que marcam o encerramento de uma semana de atividades que unem tradicionalistas de todo o estado. Em Uruguaiana, a Av. Pres. Vargas é preparada com antecipação para receber centenas de homens, mulheres e crianças que vêm devidamente pilchados (trajados com roupas tradicionais: bombachas, botas, vestidos longos, chapéus de abas largas), desfilando a cavalo, para um público que os recebe calorosamente. O desfile ocorreu pela manhã e durou cerca de três horas. Para esta grande parada, que chega a reunir quatro mil cavaleiros, aflui um grande número de peões de estância, suas esposas e filhos, alguns estancieiros e, representando o maior grupo, habitantes da cidade, todos igualmente filiados ao MTG. Há também alguns casos de convidados externos ao MTG, em geral ligados a movimentos tradicionalistas de outros países. Embora estejam previstas apenas performances coletivas, há diversas manifestações individuais – esperadas e aclamadas pelo público –, que salientam determinadas habilidades dos cavaleiros no manejo com os cavalos ou que chamam a atenção para alguma configuração especial dos sujeitos: um avô carregando o netinho bebê (também pichado), um grupo composto só por mulheres trajadas com bombachas, etc.

As Criollas

Diferentemente do Desfile do Dia do Gaúcho, *As Criollas* não têm data fixa para ocorrer e são organizadas por grupos de indivíduos que se associam com este objetivo, de acordo com as demandas das comunidades. No caso das *Criollas* de Cerro Pelado – pequena comunidade rural a 76 quilômetros da fronteira com o Brasil –, a finalidade era arrecadar fundos para a Policlínica local. Assim, um grupo formado basicamente por moradores da zona e professores do Liceu Rural responsabilizou-se pela organização do evento. *As Criollas* iniciaram-se com um desfile à cavalo, no qual os participantes

partiram da comunidade e seguiram até o local do evento, um campo devidamente preparado. Na chegada, ocorreu uma *Misa Criolla*, assistida a cavalo pelos fiéis. Após um discurso inflamado de abertura, por parte da filha de um estancieiro da região, invocando a figura do líder revolucionário Artigas, deu-se início às provas de habilidade com equinos e bovinos, que remetem diretamente ao trabalho diário dos peões na chamada “lide campeira”: gineteadas (domar sem arreios), tiros de laço (laçar pelo pescoço), palanqueadas (correr a cavalo, entre palanques), *pealos* (laçar o animal pelas patas), etc. Interrompidas apenas para o almoço – um churrasco –, as provas duraram a tarde toda e terminaram com o sol já se pondo. Depois, todos se deslocaram para um galpão próximo, para uma *peña folklórica*. A *peña* é a parte mais festiva do evento, voltada à confraternização, e onde há maior contato entre grupos pertencentes às diferentes camadas da sociedade. A atividade teve início com a distribuição das medalhas aos ganhadores das *criollas* e logo em seguida músicos da comunidade começaram a tocar milongas, chamamés, vaneirões. O grande “contato” entre os participantes ocorre, literalmente, na dança, quando todos, *puebleros*, estancieiros, peões, *maestras* e *maestros* (professores/as), *abuelas* (avós), *abuelos* (avôs) e *chiquilines* (crianças), aos pares, procuram harmonizar seus corpos no ritmo da música.

Uma breve perspectiva comparativa das duas festas

Em primeiro lugar, ambas fazem um apelo à tradição, que é criada e fortalecida na performance. Nas duas festas, contata-se um envolvimento da comunidade, não apenas no momento do evento, mas em toda a sua preparação e execução. Se, por um lado, há um apelo à figura destemporalizada do gaúcho/*gaucho*, por outro esta coexiste com figuras atuais, presentes, de homens e mulheres cujo cotidiano de trabalho e lazer ainda corresponde a muitos dos elementos ali realizados como “tradicional”.

Há, entretanto, diferenças entre os aspectos celebrados em um e em outro evento. O Dia do Gaúcho, por seu caráter urbano, por sua organização institucionalizada pelo MTG e sancionada/apoiada pelo poder público e pela relação menor de seus participantes com os papéis que representam no desfile (gaúchos e gaúchas “da campanha”), de certa forma, “exagera o real”. A identidade que é celebrada todo dia 20 de setembro expressa apenas uma parte do *ethos* gaúcho, exatamente a mais bonita, a mais limpa, mais habilidosa, mais inteligente... O desfile comemora a “tradição” e o que ela representa para o MTG. Já nas *Criollas*, um evento rural realizado sobretudo para os próprios habitantes da região (trabalhadores das estâncias, moradores dos pequenos *pueblos*, etc.), é a práxis cotidiana, a **experiência dos sujeitos que está em relevo** (Schechner, 1992; V. Turner, 1981) e que é ali avaliada e premiada. Esta festa comemora o real (ou a idéia - o ideal - que a comunidade tem dele).

Também, nos dois eventos, há uma emergência e uma atualização de valores da cultura; ambos funcionam como um “campo de batalhas”, mais direto, no caso das *Criollas*, onde há espaço

para os sujeitos competirem corpo-a-corpo nas provas, e menos direto, nos desafios propostos pelas performances dos participantes do Desfile. Finalmente, tanto em um quanto em outro evento há uma alternância entre os ideais e a realidade, bem como há espaço para manifestações de ordem (desfile, cavalgada de abertura) e de desordem (liberdade gestual e de vestimenta, dança e divertimentos na *peña folklórica*), refletindo e recriando “a ambigüidade da vida social” (DaMatta, 1980: 53).

Bibliografia

AMARAL, Rita de Cássia. A Alternativa da Festa à Brasileira. In: *Sexta-Feira*. Ano 2, n. 2. São Paulo, Pletora, 1998.

As Mediações Culturais da Festa à Brasileira. In: <http://www.n-a-u.org/Amaral-mediaco.es.html>, 2000.

DAMATTA, Roberto. Carnavais em Múltiplos Planos. In: *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

GUSS, David. *The Festive State – race, ethnicity, and nationalism as cultural performance*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 2000.

OLIVEN, Ruben G. “O Maior Movimento de Cultura Popular do Mundo Ocidental”: o tradicionalismo gaúcho. In: *Cadernos de Antropologia*. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, n. 1, 1990.

SCHECHNER, Richard. Victor Turner’s Last Adventure. In: TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. 2a. ed. New York, P. A. J. Publications, 1992.

SINGER, Milton. *When a Great Tradition Modernizes*. Chicago, University of Chicago Press, 1972.

TURNER, Victor. Social Dramas and Stories about Them. In: MITCHELL, W. J. T. (org.). *On Narrative*. Chicago, University of Chicago Press, 1981.